

SOBRE BLOGS DIDÁTICOS E EDUBLOGUEIROS: PROTAGONISMO OU REPRODUÇÃO?

Joseane Amaral
josi.ibiruba@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/2090413581855292>

RESUMO

O presente artigo relata um estudo envolvendo blogs didáticos e edublogueiros, educadores dedicados ao uso de tais ferramentas no ensino. Nosso objetivo é destacar projetos com blogs que renderam resultados profícuos na educação, e experiências que não alcançaram o mesmo êxito. Desta forma, é possível comparar as iniciativas, destacando fatores de sucesso/insucesso no uso desses instrumentos tecnológicos, bem como examinar o papel do edublogueiro nesse processo. Para tanto, nosso amparo teórico principal advém de Rodrigues (2008) e Gutierrez (2004), sobre o trabalho com blogs; Lévy (1999), nas questões da cibercultura; Ramal (2002) e Xavier (2008), no que tange ao perfil docente. Entre os resultados, evidenciamos a necessidade de conferir autonomia ao aluno que interage em blogs, aliada ao papel mediador do professor em ações de ensino baseadas no protagonismo.

Palavras-chave: Edublogueiros. Blog. Ensino. Cibercultura.

O blog é uma ferramenta cuja ascensão ocorre com a cibercultura. De forma geral, essa espécie de diário virtual que concede às massas o acesso à publicação *online* é um dos mecanismos tecnológicos precursores da autoexpressão na rede. Trata-se da exploração idiossincrática da escrita, sem a convenção que os textos formais impõem pela questão organizacional dos gêneros.

Este estudo¹ pretende evidenciar uma faceta específica da ferramenta com uso na educação: os blogs didáticos ou edublogs² no ensino de línguas. No entanto, é preciso primeiramente expor algumas de suas funcionalidades já descobertas em pesquisas na área educativa. Segundo Veen & Vrakking (2009, p. 55):

1 Este artigo é parte de um estudo maior, minha monografia de especialização intitulada “Aprendizagem dialógica: blogs didáticos e as novas possibilidades no ensino de línguas na geração *homo zappiens*”, defendida em 2009.

2 Weblog cujo principal objetivo é apoiar um processo de ensino-aprendizagem em um contexto educativo (Fonte: Revista *A Rede*, abril de 2009, p. 37).

'*Blogar*' está se tornando algo cada vez mais comum entre os usuários da internet[...] Trata-se de um site pessoal com links para outros sites; oferecendo vídeo, áudio, fotos, podcasts e artigos pessoais, juntamente com um espaço para fórum ou comentários sobre a maior parte dos itens do blog. É como um diário pessoal que pode ser lido e comentado por todos, embora o autor possa vetar comentários. Além de diários, os *blogs* são também usados, por exemplo, para os fatos que ocorrem no mundo, discutindo assuntos específicos, jornalismo em geral e para expandir *sites* existentes.

Nesse processo de expansão, encaixam-se os blogs didáticos, que ganham espaço no planejamento e nas ações de professores que se preocupam em acompanhar a tecnologia. Conforme Sklaski (2008, p. 28), "o uso pedagógico do blog traz muitas vantagens para o ensino, pois utiliza uma linguagem comum entre os estudantes, já que muitos mantêm blogs pessoais".

A mesma autora salienta alguns comentários de professores que aderiram ao projeto e colheram resultados positivos: "esse tipo de atividade tem contribuído para elevar a autoestima do aluno na medida em que ele vê o seu trabalho publicado e comentado pelos colegas e professores da escola". E conclui: "o aluno aprende com mais ludicidade e prazer, tornando a aprendizagem mais motivadora e envolvente, construindo o seu conhecimento sem ser apenas um consumidor de informações, mas sujeito ativo no processo de construção". No mesmo periódico (SKLASKI, 2008) há espaço para o relato de uma atividade significativa de uso de blogs no ensino, experiência que rendeu um prêmio de nível internacional:

A partir da leitura da obra *Seis Tombos e um Pulinho*, do escritor brasileiro Cláudio Fragata, que aborda o centenário de Santos Dumont, os alunos realizaram diversas atividades para divulgação através do blog, como pesquisas na internet e de campo, confecção de réplicas dos aviões e produção de textos. O ponto alto foi a realização de uma videoconferência que reuniu professores, alunos, o escritor e autoridades educacionais dos três países. Com o projeto, a equipe pedagógica envolvida já alcançou grande reconhecimento, como o Prêmio Educadores Inovadores do Concurso Microsoft Brasil e o prêmio do Fórum Latino Americano de Docentes Inovadores, que aconteceu em setembro passado, na Guatemala.

A leitura deste fragmento reforça uma das características marcantes dos escreventes de blogs, também dito por Komesu (2005): a espera pelo olhar do Outro. O

estímulo às produções ocorreu muito pelo reconhecimento que os aprendizes esperavam obter. Cresce a cada dia o uso desses dispositivos comunicacionais, e a utilização na educação já inicia um prelúdio de mudanças. Isso ocorre, segundo Teixeira (2006, p. 16), graças às transformações vividas pela sociedade contemporânea, com a explosão de pontos de emissão de informação e sentidos, explícita pelos *Weblogs*, *Webcams* e *SMSs* (*Short Message Service*), bem como as intensas manifestações comunicacionais vivenciadas em *chats*, jogos *on-line*, comunidades virtuais, *flashmobs*, *P2P* para trocas de músicas, filmes ou outros materiais que possam servir de elo entre pessoas. Nesse sentido, o uso de *blogs* na educação se justifica por possibilitar novas formas de comunicação, ativando os polos de emissão todos-todos.

Todo esse contexto incita a reflexão: em que medida os *blogs* podem ser usados pedagogicamente? Já está provado que as habilidades da geração da rede pedem outra postura pedagógica dos educadores. Além disso, as outras gerações, que não tiveram esse contato com as tecnologias desde cedo como o *homo zappiens*, estão desenvolvendo esse domínio, tendo em vista que a tecnologia está arraigada no cotidiano das pessoas.

Já é possível encontrar na *World Wide Web* inúmeros *blogs* destinados ao uso docente. Segundo Sklaski (2008), a cada dia mais professores aderem à Blogosfera, denominação do universo formado pelos *blogs*. São vários sites de educadores em todo o Brasil. Os “edublogueiros”, como se autodenominam, utilizam a ferramenta para divulgar dados sobre as disciplinas, trocar informações profissionais, além de criar um espaço para que a escola possa estar conectada na rede e os alunos tenham voz.

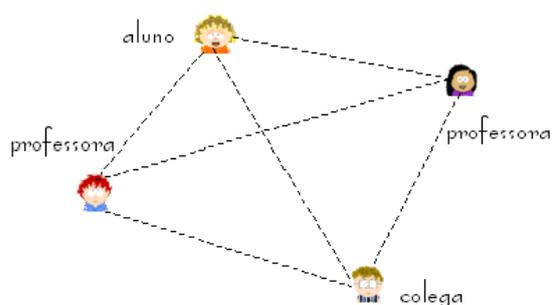
Refletindo sobre o uso didático do *blog*, acredita-se que o processo de ensino-aprendizagem possa ser enriquecido mediante a utilização desse meio de comunicação, estreitando as relações entre professor e aluno e conferindo mais autonomia ao estudante. Outra funcionalidade que pode ser explorada diz respeito à interpessoalidade, ou seja, o usuário passa a construir relações colaborativas com os demais, tendo em vista que não há uma sobreposição de ideias ou um nível hierárquico sobrepujante nesse gênero: todas as vozes podem ser ouvidas.

No contexto das pesquisas acadêmicas na área de educação, Gutierrez (2004) relata uma experiência que assegura ser pioneira no uso do *blog* em educação. Em 2002, a educadora propôs a seus estagiários de educação física a utilização de uma ferramenta que nomeou “mural”; na verdade tratava-se de um site pessoal pouco interativo e que agregava uma lista de discussão. O intuito foi aproximar os estagiários na troca de experiências de seus estágios, através da ferramenta. Como relata a autora, a ideia não emplacou devido a uma mudança profissional, mas impulsionou a continuidade das pesquisas.

Desta experiência incompleta nasceu o *[zaptlogs]*, projeto que, segundo Gutierrez (2004), trata-se de uma ferramenta colaborativa usada entre educadores previamente convidados, na tentativa de explorar a tecnologia para uso educativo. A autora salienta que o intento do projeto foi inserir tecnologias educacionais informatizadas no trabalho de educadores, criando, através de *blogs*, uma comunidade de pesquisadores que cooperam entre si. Tratava-se de um subprojeto do projeto integrado ZAPT que, por sua vez, quer dizer Zona de Apoio e Pesquisa em Tecnologia. O ZAPT fazia parte do projeto do TRAMSE - Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisa em Trabalho, Movimentos Sociais e Educação – do PPGEdU da UFRGS.

Entretanto, não se dará maiores detalhes quanto à realização desta iniciativa, tendo em vista que o que se espera aqui é investigar novas formas de interação entre professores e alunos. No presente estudo há uma tentativa de aproximar esses dois polos aparentemente opostos. Essa relação de proximidade/distanciamento pode ser facilmente percebida através da Figura 6, conforme Gutierrez (2004).

Sala de Aula



Ambiente Virtual

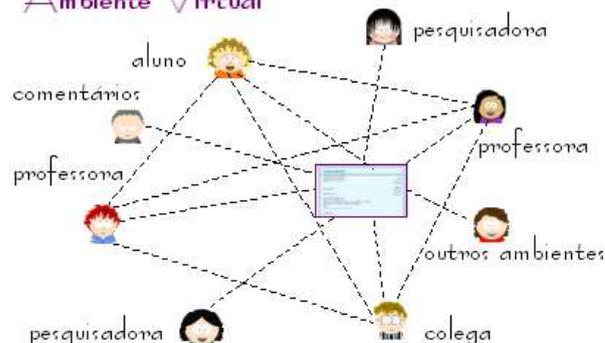


Figura 6: À esquerda, relações estabelecidas na aula presencial; à direita relações com o uso de blogs.

Embora não seja objetivo deste trabalho elevar a tecnologia em detrimento das relações que se estabelecem pelo uso consciente dos recursos existentes, é interessante observar que o *blog* proporciona um estreitamento nas relações entre professores, alunos e outros alunos. A rede de conhecimentos se amplia, tendo em vista que são oportunizados novos tipos de comunicação, como exposto por Lévy (1999) e já tratado anteriormente neste estudo: as relações todos-todos. O que acontece, neste caso, é que não há, praticamente, sobreposições de papéis: todos os atores sociais participam ativamente no processo educacional.

Tratando especificamente dos *edublogs*, os estudos de Rodrigues (2008) vêm ao encontro dos anseios desta monografia: o *blog* enquanto recurso estimulador de produção escrita para os alunos. Inicialmente, a autora reforça que a Blogosfera é um fenômeno social, e justifica seu posicionamento afirmando que os escritos dos autores formam uma comunidade interconectada, com ramificações diversas evidenciando processos colaborativos, troca de matérias e estratégias de aprendizagem nas infovias públicas. De acordo com a mesma autora (2008, p. 52):

A ramificação de ligações também permitiu a criação de outras culturas que incluem outros termos como "Blogtopia", "Bloguespaço", "Bloguiverso", "Blogsilvânia" e "Bloguistão" [...] Technorati, Blogdex, Bloglines, Blogrunner usam enlaces criados pelos blogueiros para busca e interconexão de outros blogs. Para tanto, hipertextos funcionam como marcadores dos assuntos que os blogueiros estão discutindo.

Desta forma, é possível perceber que a Blogosfera constitui um fenômeno social a partir do qual emergem novas comunidades de usuários com interesses afins. Rodrigues (2008) chama a atenção para o crescimento desse espaço. De acordo com a autora, em 1999 o número de *blogs* era menor do que cinquenta, e já no final de 2000 a estimativa era de poucos milhares. Menos de três anos depois, os números chegaram a 4 milhões.

Como se trata de um fenômeno que envolve a expansão da escrita, o que já fora dito anteriormente, é preciso estudar de que forma projetos envolvendo o uso de *blogs* podem potencializar processos de ensino. Uma investigação atenta aponta que é possível encontrar diversos tipos de manifestações pedagógicas do blog: alguns somente de professores, outros de alunos, e ainda os esforços conjuntos de docentes e educandos. Essa diversidade também está presente nas disciplinas que, ora aparecem conjugadas, ora separadas, dependendo dos objetivos do *blog*.

Nesse sentido, outro projeto que merece destaque é o encabeçado por Rodrigues (2008) para motivar a produção escrita na aula de língua portuguesa. Após diversas sondagens e pesquisas com os alunos, a educadora (2008, p. 56) aponta:

Considerar o blog um recurso pedagógico é entendê-lo como um espaço de acesso à informação especializada e um espaço de disponibilização de informação. Como estratégia pedagógica, os blogs podem ser utilizados como: 1. um portfólio digital; 2. um espaço de intercâmbio e colaboração; 3. um espaço de debates; 4. um espaço de integração, entre outros [...] o blog pode tornar as aulas de redação mais motivantes e também mais produtivas [...] busquei em meus alunos a avaliação dessa produção, a partir do que eles entendem por produção legítima ou não, e o que oferecem como pistas que possam contribuir para nossa compreensão sobre o atual momento de mudanças promovidas pelos gêneros digitais.

Pode-se perceber através deste depoimento que as relações professor-aluno se constituem lado a lado, ou seja, mediante pesquisa e diálogo chegou-se à decisão de utilizar novas ferramentas, e não por uma imposição docente. A proposta de utilizar o *blog* e outras ferramentas informatizadas no ensino fora apresentada em encontros com outros docentes. Contudo, um dos desafios relatados pela autora é a resistência por parte dos educadores: parte deles pelo desconhecimento de como lidar com as tecnologias, parte por acreditar que o uso da linguagem, na Internet, é prejudicado, pois estaria diretamente

ligado ao *internetês*³. Em resumo, mencionamos a seguir o retorno da atividade, após avaliação realizada pela professora na primeira fase da iniciativa:

- Não houve claramente uma proposta e incentivo adequados para os alunos;
- Com receio de tendenciar a proposta, a professora simplesmente esperou que os alunos se engajassem nas atividades pelo interesse pessoal e não pela busca de nota;
- “Não tem graça!” Esse comentário resumia a opinião dos alunos sobre o *blog* e havia somente três posts publicados. Será que a atividade teria alcançado sucesso caso tivesse muitos posts?
- Embora o *blog* fosse destinado às aulas de redação, a formatação remetia apenas à professora – “dona” do *blog*;
- Ainda que envolvessem a juventude, os temas não despertaram o interesse dos alunos.

A fase inicial não obteve o sucesso esperado pela docente, mas as falhas apontadas serviram para que a proposta fosse readequada, mediante a reflexão sobre a ação pedagógica, como destaca a educadora (2008, p. 98):

A construção, elaboração e criação do *blog* foi ditada pelos interesses e intenções profissionais da professora, e partiu de seu conhecimento de mundo, de suas particularidades, de sua maturidade em ler e escrever textos. E assim, deixando de lado o aluno, o *blog* não funciona como recurso pedagógico. A linguagem do *blog* proposto era extremamente formal, em franca desarmonia com o estilo dessa modalidade.

Muito importante para que se chegasse a esse patamar foram as avaliações dos alunos sobre a proposta. Algumas das críticas apontadas: temas desinteressantes para os textos; repetição do que se vê nas aulas; a professora comanda o *blog*; utilização de títulos e estratégias pouco sugestivas e que não chamam a atenção; falta de divulgação do endereço do *blog*; falta de atualização dos dados disponíveis; criação de tópicos somente por parte da professora. Um dos comentários feitos por um aluno e que traduz a

³ Internetês é um neologismo (de: *internet* + sufixo *ês*) que designa a linguagem utilizada no meio virtual, em que as palavras foram abreviadas até o ponto de se transformarem em uma única expressão, duas ou no máximo três letras, onde há um desmoronamento da pontuação e da acentuação, pelo uso da fonética em detrimento da etimologia. (Fonte: *Wikipedia*).

essência do que esperavam os jovens: “um blog que lembra a escola fica chato” (RODRIGUES, 2008, p. 100).

Após várias modificações, a professora apostou no formato de que cada grupo de alunos criaria um blog sobre um tema previamente discutido, e ficaria responsável pela manutenção da ferramenta, fazendo ligações com outros textos, vídeos do You Tube, links com dicas de construção textual, e até mesmo trechos de filmes. Em suma, a ideia foi promover a autonomia e participação dos alunos, resultado que, segundo a autora, foi alcançado com sucesso graças ao espaço aberto para que os alunos fossem ouvidos e participassem da concepção dos *blogs*.

A partir dessa reflexão, é necessário voltar os olhares para o que Xavier (2008) aponta como iminente: estudar a nova identidade do professor de línguas diante das diferentes habilidades que os aprendizes adquirem com as novas tecnologias.

Na leitura atenta das teorias expostas em teses e dissertações de universidades brasileiras, chama a atenção o fato de que o neologismo “edublogueiro”⁴ não é enquadrado facilmente nas palavras-chave de pesquisas de referência. Acredita-se que isto se deva ao fato de que ainda são minoria os estudos voltados diretamente a estudar o perfil do professor conectado às propostas cibernéticas.

Assim, mais do que uma discussão acerca da introdução de tecnologias no cotidiano escolar, é preciso analisar com cautela o que se adotará chamar aqui de “edublogueiro”. Para que se possa utilizar tal nomeação com propriedade, é preciso ter objetivos bem definidos e que promovam mudanças favoráveis no processo educacional, como salienta Xavier (2008, p.10):

O docente inovador enxerga a latência pedagógica da tecnologia operando em favor da aprendizagem de seus alunos. Vê-la como aliada no grande projeto de contínua formação intelectual e humana das crianças, jovens e adolescentes que transitam por nossas salas de aula presenciais, mas que têm uma forte inclinação a adquirir conhecimentos também (e quem sabe principalmente) em ambientes virtuais.

4 Professores que mantém páginas (*blogs*) educativas.

Com a expansão da blogosfera didática, é possível perceber inúmeros perfis docentes no meio digital. Uma observação atenta dos *blogs* revela que há educadores ocupados com a divulgação de seus currículos, projetos, etc., privilegiando uma espécie de autoprojeção, em detrimento de preocupações de aprendizagem. É preciso esclarecer: simplesmente expor conteúdos na rede ou utilizar ferramentas tecnológicas sem mudanças de planejamento e metodologia não significa promover transformações educacionais.

Embora ainda não se tenha traçado um perfil em termos de pesquisa empírica oficial, pode-se depreender que o ciberprofessor atua formando redes de conhecimento, ou seja, sua prática não é isolada e monológica. Ele desenvolve estratégias cooperativas que pressupõem a participação e a interação com outros docentes e estimula a ação dos educandos. Esse posicionamento vai ao encontro do exposto por Xavier (2008, p. 4): “só se faz docência com prudência quando o sujeito educador assume para si a responsabilidade de desencadear aprendizagens pessoais relevantes e socialmente responsáveis”.

Lopes (2009) salienta que alguns professores já conseguiram chegar a um estágio de vanguarda educacional, descobrindo potencialidades pedagógicas na internet e conquistando os jovens interlocutores. A autora (2009, p. 36) ressalta, entre os fatores de sucesso do edublog, “o mesmo direito de voz tanto a professores quanto a alunos; reproduz a arquitetura das redes de relacionamento, onde a garotada circula confortavelmente; permite o compartilhamento de ideias e atividades; confere dinamismo ao ensino, entre outras vantagens”.

Entre as características dos edublogueiros, a partir da leitura de Lopes (2009), está a necessidade de dedicação extraescolar na construção e manutenção da ferramenta, na maioria dos casos. O simples fato de ter uma página não torna o professor melhor, nem pior.

A forma não linear no ensino apresenta mais chances de sucesso, tendo em vista principalmente esse novo perfil de estudante, como destacado. Uma iniciativa desenvolvida na cidade de Panambi - RS mereceu destaque na mídia local e prova que as ferramentas da web começam a ganhar força mesmo em se tratando de localizações

interioranas. O jornal Zero Hora (online, 2009) divulgou a realização de uma Gincana Digital: com a utilização de *blogs*, as sete equipes realizaram tarefas sobre a história da cidade e participaram de ações sociais, com atividades organizadas pelo Telecentro Comunitário de Inclusão Digital do município. Em uma das atividades consideradas mais divertidas, eles produziram uma radionovela contando um caso pitoresco ocorrido no município. Outra tarefa foi realizar ações que melhorassem a vida na cidade, como visitas a asilos e creches e limpeza de rios. “A gente percebe que eles estão interessados é em cumprir bem as tarefas porque vão colocar na internet e outras pessoas podem ver”, ressalta a coordenadora da iniciativa.

Esses e outros exemplos reforçam o caráter reticular dos *blogs*: a construção do conhecimento se dá de maneira colaborativa; o educador que adota tais práticas precisa estar preparado para mediar tal processo. Sobre esse aspecto, nos parece pertinente a denominação *arquitetos cognitivos* para o papel do professor:

É um profissional capaz de traçar estratégias e mapas de navegação que permitam ao aluno empreender, de forma autônoma e integrada, os próprios caminhos de construção do (hiper)conhecimento em rede, assumindo, para isso, uma postura consciente de reflexão-na-ação, e fazendo um uso crítico das tecnologias como novos ambientes de aprendizagem. (RAMAL, 2002, p. 191)

A mesma autora (2002) completa que o perfil de professor-arquiteto cognitivo aparece inclusive nas definições dos PCNs e das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), quando se aborda o ensino através do desenvolvimento de competências e habilidades, e não somente a conhecida transmissão de conteúdos. Nesse sentido, as universidades precisam aprimorar seus currículos de forma a preparar os novos docentes-arquitetos do conhecimento, para que a escola cumpra seu papel de formar cidadãos mais críticos e criativos frente às novas ferramentas que modificam as formas de ensinar e aprender.

Considerações Finais

Em suma, o educador que vive na geração das redes precisa preocupar-se com os processos, e não simplesmente com os resultados finais. A maneira como conduz a aula, mediando as relações e procurando criar percursos cooperativos, dialógicos, colaborativos, faz deste profissional um dinamizador da inteligência coletiva (LÉVY, 1999).

Já fora mencionado por Marcuschi a necessidade de se fazer uma etnografia da internet, tendo em vista que o virtual se constitui como um novo espaço empírico. Desta forma, na tentativa de “linkar” algumas teorias e proposições expostas neste estudo, optou-se por buscar na materialidade exemplos de como os *blogs* podem potencializar processos de ensino e também, por outro lado, apenas substituir o giz e a voz do professor mascarando as mesmas práticas docentes. Eis um percurso instigante e complexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUTIERREZ, Suzana de Souza. **Mapeando caminhos de autoria e autonomia**: a inserção das tecnologias educacionais informatizadas no trabalho de educadores que cooperam em comunidades de pesquisadores. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

KOMESU, Fabiana Cristina. **Entre o público e o privado**: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de *blogs* da internet. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad.: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999.

LOPES, Áurea. A sala de aula reinventada: professores fazem dos blogs ambientes de construção coletiva e criativa do saber. **Revista A Rede**, São Paulo, ano 4, n. 46. p. 36-38, abr. 2009.

RAMAL, Andrea Cecília. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RODRIGUES, Cláudia. **O uso de blogs como estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, 2008.

SKLASKI, Renata. Seja um ‘edublogueiro’, crie sua página na rede. **Revista Profissão Mestre**, Curitiba, PR, n. 110, p. 28-29, nov. 2008.

TEIXEIRA, Adriano Canabarro; BRANDÃO, Edemilson Jorge Ramos (Coord.). **Tecendo caminhos em informática na educação**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.

VEEN, Wim; VRAKING, Ben. **Homo Zapiens**: educando na era digital. Trad.: Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

XAVIER, Antonio Carlos. **Identidade docente na era do letramento digital**: aspectos técnicos, éticos e estéticos. In: 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, Multimodalidade e Ensino. Anais Eletrônicos. Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

ZERO HORA (edição *on-line*), n. 16021, 05 julho 2009. **Gincana na tela do computador**. Disponível em:
<<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a2568460.xml&template=3898.dwt&edition=12640§ion=1003>> Acesso em: 20 jul. 2009.

SOBRE A AUTORA:

Possui graduação em Letras – Português/Inglês pela Universidade de Cruz Alta, Especialização em Linguística, Ensino de Línguas e da Literatura pela mesma instituição, Mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Maria e cursa Doutorado em Letras pela Universidade de Passo Fundo (2014). Atualmente, é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, câmpus Passo Fundo, atuando no ensino de Língua Portuguesa e Inglesa.